

O PANORAMA.

JORNAL LITTERARIO E INSTRUCTIVO

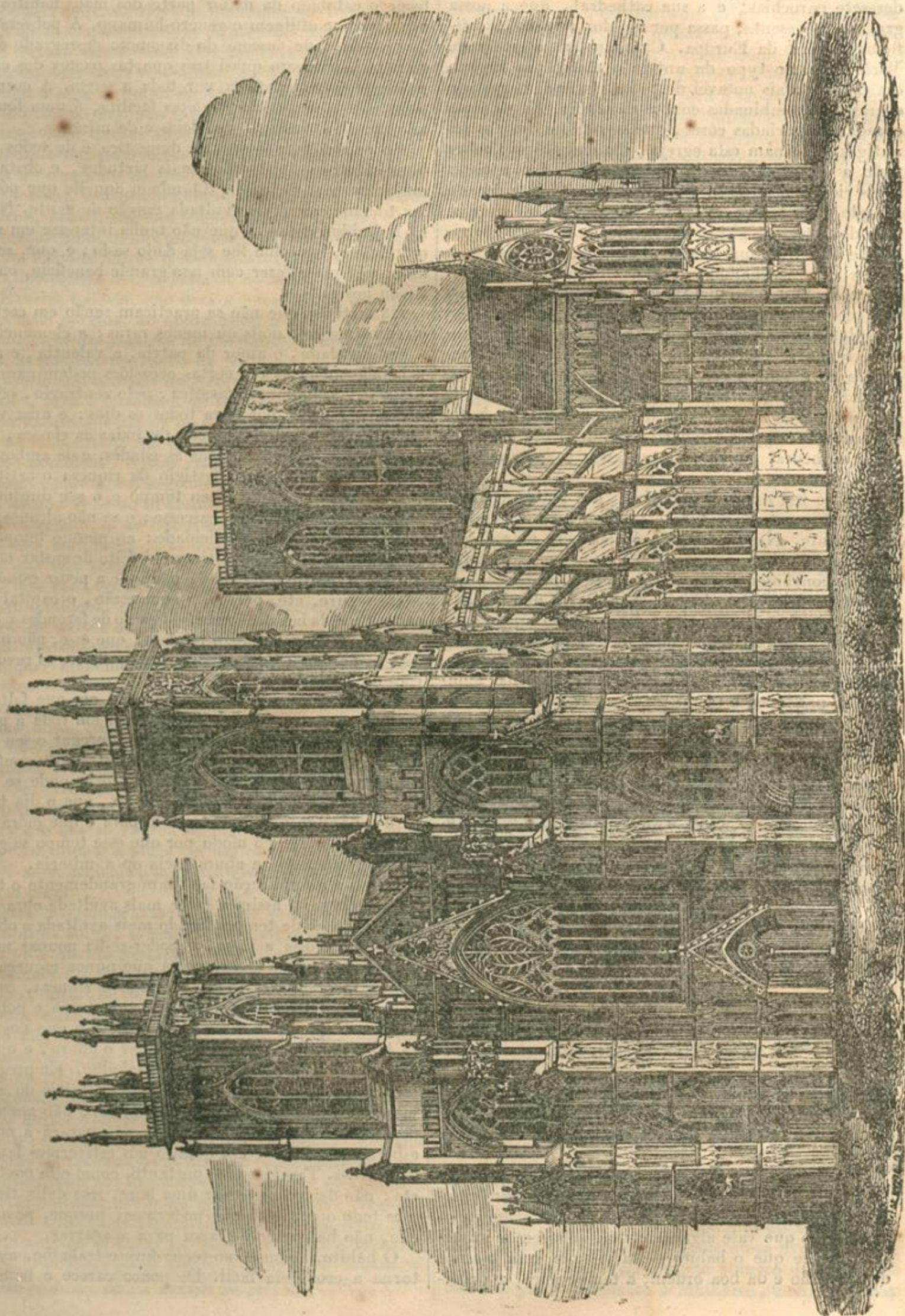
DA

Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis.

84)

PUBLICADO TODOS OS SABBADOS.

(DEZEMBRO 8, 1838



YORK-MINSTER.

YORK, NA INGLATERRA.

A CIDADE de York, capital do *condado* ou provincia deste nome, era já celebre no tempo dos romanos, e hoje é bella e grande, e uma das mais consideraveis da Inglaterra: goza do titulo de ducado inherente á pessoa de um príncipe da casa real britannica. Acha-se quasi a distancias eguaes de Edimburgo e de Londres; é séde d'um arcebispado, conta dezeseite parochias; e a sua cathedral, que a nossa gravura representa, passa por um dos mais bellos edificios gothicos da Europa. Chamam-lhe a gloria de York, e como typo da antiga architectura ingleza é a fabrica mais notavel do paiz, por sua magestade e grandeza combinadas com a elegancia. As vidraças córadas de variadas côres, que segundo o uso nas sés antigas, adornam esta egreja, são magnificas; sobre tudo a chamada *janella grande oriental* é a cousa mais rica e magestosa neste genero. O interior do templo é em tudo correspondente á grandeza e apparato do exterior; alli se encontram reunidas peças ricas de arte e de sumptuosidade, cada uma das quaes bastaria para ornamento e gloria de outros templos. Em 2 de Fevereiro de 1329, York-minster soffreu um incendio, que a estragou bastante; mas acha-se completamente restabelecida, no mesmo pé que d'antes, sendo restauradas as partes damnificadas, segundo os desenhos originaes, havendo o maior escrupulo em seguir rigorosamente a pista do antigo, sem alterar o nobre estylo daquellas eras. Tudo foi obra de subscrições e donativos voluntarios; e a grandiosa cathedral continúa ostentando suas primitivas bellezas.

York é um *condado* maritimo, e o maior d'Inglaterra. A sua temperatura e terreno variam consideravelmente. Nas costas, banhadas pelo mar d'Alemanha, o paiz é menos sadio que nos outros districtos; inconveniente que desaparece á proporção que se entrar pela terra dentro. Nas partes montuosas o chão é geralmente esteril: cria-se porém muito gado ovelhum, que se vende para outros paizes para engordar. Na porção d'oeste goza-se uma temperatura, ainda que fria, favoravel á saude. No meio das montanhas, penedias, e terras incultas, os valles apresentam prados e pastagens com abundancia para numerosos rebanhos. As outras produções consistem em ferro, chumbo, carvão, azeviche, pedra hume, cavallos e cabras. No declive das serras, e nas planicies dão-se bons trigos, batatas, e outros generos de cultura, na parte do Norte, onde o ar é mais frio e mais saudavel: tambem ahí se exploram minas de chumbo com bom resultado. Em todo o *condado* se trabalha prodigiosamente na manufactura de pannos grosseiros. Todos estes e outros artigos de commercio se exportam por Hull para os paizes estrangeiros.

Avalia-se a população desta provincia em um milhão d'habitantes.

INFLUENCIA DA ECONOMIA DOMESTICA NOS COSTUMES E NA PUBLICA FELICIDADE.

DE TODOS OS NOSSOS habitos moraes nenhum embargo tanto o progresso dos vicios, ou gera tantas virtudes como a economia domestica: nem é difficil prova-lo.

Se entendermos, como devemos entender, pela palavra *economia domestica* o gastar cada um prudentemente aquillo que tem, se considerarmos como haveres tudo o que vale alguma cousa, acharemos immediatamente que o habito desta virtude gera o amor do trabalho e da boa ordem, a temperança, a probi-

dade, a independencia, a sinceridade, a beneficencia, a affeição á familia, e emfim todos os outros dotes d'alma, que destes nascem; veremos, tambem, que só por via della podem os homens alcançar repouso, e dar ás artes, ás sciencias, e á industria o augmento que é possivel dar-lhes.

A prodigalidade ou a dissipação das riquezas, quasi que gera tantos vicios, quantas virtudes a economia produz: quem quizesse conta-los verse-bia no caso de tecer o catalogo da maior parte dos máus habitos e miserias que affligem o genero-humano. A pobreza e ignorancia, que nascem do dispendio desregrado das riquezas, carregam quasi tres quartas partes dos crimes que se commettem por toda a parte. A corrupção, que o abuso das riquezas facilita, é uma fonte não menos abundante de vicios e de miserias.

Ao passo que a economia domestica é de todos os bons habitos o que produz mais virtudes, e obsta a maior numero de vicios, é tambem aquelle que pôde ser tomado por mais avultada porção de gente. Não ha individuo nenhum que não tenha interesse em ser económico, logo que lhe seja dado se-lo; e que, sendo-o, não possa fazer com isso grande beneficio, ou a si, ou aos outros.

Ha virtudes que não se praticam senão em certas circumstancias, mais ou menos raras: a clemencia, a generosidade, o amor da patria, a valentia, e a beneficencia, só em certas occasiões podem exercitar-se. A economia domestica, pelo contrario, pôde e deve ser posta por obra todos os dias: é uma virtude de todos os momentos, de todas as classes, de todas as profissões, de todas as edades, e de ambos os sexos. Pôde chegar ao fastigio da riqueza o artífice que souber empregar o seu tempo e o seu diminuto cabedal, por pobre que nascesse; e se não alcançar a riqueza, alcançar a felicidade: ao mesmo tempo o proprietario abastado se tiver o defeito de gastar mais do que o que tem de renda pôde vir a pedir esmola. Mais seguro, até, parece, e com razão, o capital de trabalho e da boa economia, do que o de fazendas e casas, ou o de um emprego rendoso; que esse, não o tiram os homens; estes, podem anniquila-los as revoluções ou a fortuna.

Poucos ou nenhuns paizes haverá, em que falte o trabalho a quem deveras o procurar: em toda a parte, pois, o homem laborioso pôde empregar o seu cabedal, o tempo, e economisa-lo ou estraga-lo conforme lhe aprouver. Indifferente é o lugar onde se vive: as mesmas vinte e quatro horas, que o dia tem para o habitante da cidade, tem para o que mora na aldéa: tudo está no modo por que esse tempo se gasta. Disso depende a abundancia ou a miseria.

O uso e a applicação facilitam grandemente o trabalho: chega-se assim a fazer mais avultada obra em menor espaço de tempo. Sendo mais avultada a obra, será mais grossa a paga, e poder-se-ha poupar mais do que dantes. O que importa que nunca esqueça é, que para quem trabalha, o tempo é riqueza, como para o ocioso é causa permanente de ruina e pobreza. Se chegarmos a fazer em meio dia o que nos leva hoje um dia, poderemos poupar o dobro, e o triplo se aperfeçoarmos o nosso trabalho. Empreguemos, pois, toda a nossa energia no exercicio do nosso mister: lembremo-nos de que o tempo não nos perdoa nem um momento; de que não parará á nossa espera: caminhará em quanto nós estivermos fazendo tenções. Tractemo-lo, portanto, como elle nos tracta: não deixemos passar uma hora, sem della tirarmos todo o proveito que podermos; porque, passada ella, não ha correr-lhe apoz para a agarrar.

O habito, assim como torna leve o trabalho, assim torna a economia facil. De pouco carece o homem

para manter as forças e ter saúde. É o estomago um mendigo, que, quanto mais se lhe dá, mais pede. Tudo o que lhe ministrarmos além do necessario não servirá senão para nos fazer seus escravos; e se elle chegasse a sopear-nos, sugear-nos-hia a todos aquelles que tivessem posses para satisfazer os appetites delle. Depois de nos ter eivado de vileza, e de todos os demais vicios que gera a escravidão, accarretaria sobre nós uma velhice achacada, vergonhosa, e miseravel. Sejamos, pois, sobrios, se queremos ser livres; porque quem não sabe refrear as proprias paixões é sempre escravo das paixões alheias. Sejamos sobrios, se queremos ser ageis e robustos; porque as doenças que produz a gula são mais numerosas do que as que gera a pobreza. Sejamos sobrios, se queremos ser perspicazes; por que os vapores que sobem do estomago turbam o entendimento. Sejamos sobrios, se queremos ser e parecer alegres; porque a má digestão produz o pesar, o aborrecimento e o máu modo. Sejamos sobrios, principalmente se queremos ter familia, e não nos esqueçamos de que qualquer superfluidade que gastemos é tirada do que pelo tempo adiante serviria para as primeiras necessidades de nossa mulher e filhos.

É certo, todavia, que para a mocidade ha uma paixão mais perigosa do que a gula, e vem a ser a vaidade. Para dar mostras de abastança e riqueza fingidas, as tres quartas partes da gente que ha neste mundo sacrificam a abastança e riqueza reaes: — máu exemplo, para o havermos de seguir! Os respeitoos que se alcançam por via de mais aprimorada compostura, ou de mais arrebicado trajo são sol de pouca dura. — Nas assembleas, é pelo vestuario que se avaliam as pessoas: porém nos negocios já a cousa corre por outro modo. Nestes, o credito e confiança alcança-se com a reputação de boa economia, e não por se gastar com mão larga. Um homem laborioso e reportado, que tem sempre a olho os seus negocios e fazenda, terá mais credito com um trajo grosseiro, do que outro qualquer, que não o seja, ainda que ande cuberto de ouro e azul.

Só ajunctando sem cessar lucros diminutos é que qualquer homem póde esperar via a ajunctar sufficientes possibilidades para sustentar uma familia: pelo mesmo modo, fazendo sem cessar diminutas despesas é que chegamos a dar cabo de grandes bens, ou que nos põmos em estado de nunca os ajunctar. Quando o artifice receber o salario da obra que fez, vá logo arreeadar em logar seguro [*] tudo o que delle poder poupar. Dinheiro que se enterra não dá lucro, e o que se guarda na algibeira derrete-se mais depressa do que a prata em um cadinho. A fusão ainda é mais acabada; porque tudo se resolve em fumo e em cinza.

Mas deveremos acaso trabalhar como negros, sem a minima folga, e sem piedade estar a fazer córtés em tudo quanto gastámos? Não: nem é isso o que queremos dizer. Ninguem soffreria um continuo trabalho; mas até do repouso se póde tirar proveito. Assim como as pessoas dadas a estudos, ou occupações mentaes de qualquer especie, devem aproveitar os seus ocios em labores mais grosseiros, cultivando, por exemplo, um jardim ou um quintal, com o que avigorarão os membros, do mesmo modo as pessoas, cujo mister é de trabalhos manuaes, podem aproveitar o repouso, cultivando o entendimento. Ter-mos occupadas todas as facultades ao mesmo tempo é cousa que nunca nos succede, e o mais certo meio de não deixar embotar nenhuma dellas é exercitar umas em quanto outras descauçam. A leitura d'um livro bom póde recrear as horas de folga que deixa o trabalho

manual: é occupação esta que se póde tomar, quando outra qualquer é impossivel; e tanto mais que para ler sempre se acha logar azado, quer se esteja em casa, quer fóra della; quer no campo, quer no povoado.

A cultivação do espirito torna o trabalho mais facil, e alarga a estrada da fortuna, embarçando ao mesmo tempo o progresso de paixões arruinadoras. A vaidade para remontar os seus vôos carece de largo espaço: logo que topa uma cabeça óca, aninha-se nella. Não seja a nossa dessas, se não queremos que ella faça ahi seu assento, e trave de nós até nos precipitar na extrema ruina. Pulindo o espirito, precaver-nos-hemos dos perigos, para a saúde e para a bolsa com que nos ameaça a sensualidade. Menos custa um bom livro, que nos dará prudentes conselhos toda a vida, do que um bom jantar. Se o prazer que nos causa não é tão vívido, é mais duradouro, e nunca nos estragará nem a saúde nem o siso.

O MILAGRE MAIS PROVADO PELA HISTORIA.

JESU-CHRISTO tinha dicto do templo de Jerusalem que nelle não ficaria pedra sobre pedra, nem mais naquelle logar se fariam sacrificios e se ergueriam orações ao ceu.

Terrivel era a sentença, e cumpriu-se. Tomada Jerusalem por Tito, a cidade foi destruida, os judeus dispersos, e o templo reduzido a um montão de ruinas.

Passaram muitos annos, e aquelles rotos muros testemunharam durante esse largo periodo que as maldicções de Jesu-Christo não tinham sido vaãs ameaças de um embusteiro.

Subiu, em fim, no 4.º seculo da nossa era, ao throno dos Cesares o imperador Juliano. Fôra este educado no Christianismo; mas o odio contra o primeiro imperador christão, Constantino, e contra o seu successor Constancio, que o haviam perseguido, o levou a aborrecer a religião christã. O grande tracto que tinha com alguns philosophos pagãos o inclinou ao paganismo: além disso, porque achára nos que seguiam esta crença os seus mais zelosos partidarios, e porque era mui versado na litteratura e theologia dos gregos, determinou-se a ser o restaurador da antiga crença.

Sabendo que a experiencia de tres seculos tinha provado, que para extirpar o christianismo seria baldada a força, recorreu a meios indirectos: o escarneo, as affrontas, os argumentos, o affastar os christãos dos empregos publicos, o tirar-lhes os meios de se instruirem, o manda-los roubar pelos seus soldados, para [como elle dizia] irem mais leves pelo caminho do ceu, e além disso cumprirem á risca os preceitos do Evangelho, foram as armas de que se serviu contra elles; e tal foi o effeito deste systema de perseguição, que, no sentir de um gravissimo historiador, elle teria quasi anniquilado a nova religião, se a morte não atalhasse tão depressa os seus damnados intentos.

Entre os diferentes meios acima apontados lembrou-se Juliano de provar ao mundo que Jesu-Christo, condemnando a perpetua ruina o templo de Jerusalem, tinha sido um embusteiro. Para sair com seu intento, começou a chamar para a Palestina os judeus, que andavam dispersos pelo imperio, e deu ordem para que se reedificasse o templo. Alypio, pagão amigo intimo do imperador, foi encarregado da superintendencia da obra: ajunctou-se avultadissima porção de materiaes, e grande número de obreiros: todos os judeus, homens e mulheres, deviam ajudar

[*] Fallaremos ao diante daquillo a que os inglezes chamam *Savings Bank*, e os francezes *Banques de Prévoyance*, e que em portuguez poderemos chamar *Montepio dos poupados*.

áquelles trabalhos, e parecia impossivel, aos olhos dos incredulos que não fosse desmentido o Verbo de Deus.

Mas os christãos esperavam o desfeixo desta empreza, encostados á columna da fé. Começou a obra; limpou-se o terreno; demarcou-se o cerco; traçaram-se as portas; e os inimigos dos christãos triumphavam; mas principiaram a desentulhar-se os antigos fundamentos, e então o orbe viu admirado que o Evangelho era a palavra do Altissimo.

Apenas os alicerces se abriram, rolos de fumo e fogo saíram do seio da terra, e os trabalhadores meio-queimados tiveram que fugir: reiteraram as tentativas, mas de cada vez o fogo rebentava com mais furia, até que desanimando na empreza, Alypio cuberto de vergonha teve que abandonar a obra e ir contar a Juliano qual fôra o resultado de querer contrastar com o ceu.

Ammiano Marcellino, historiador pagão, admirador e amigo de Juliano, e homem judicioso, foi um dos escriptores contemporaneos que nos transmittiram este facto: o proprio Juliano a elle allude em duas partes dos seus escriptos; os historiadores christãos o narram unanimes no essencial do successo, posto que alguns variem em circumstancias de pouca monta, e até um escriptor judeu [Gedalia ben Joseph Tehaja] que fallou nelle, convém em que fôra verdadeiro. — Esta concordancia de auctores, contemporaneos e posteriores ao successo, em confirmarem a verdade d'elle [posto que fossem sectarios de diferentes religiões] o tornam um dos mais certos que nos transmittiu a historia, e uma das provas mais fortes da verdade da religião.

Quem quizer saber quanto a este respeito se tem escripto, e quão demonstrado está o facto maravilhoso narrado neste artigo, póde consultar a dissertação ingleza do erudito Warburton intitulada = *Julian*.

MESTRE GIL.

(*Chronica do seculo 15.^o*)

VI

A PROCISSÃO DE CORPUS.

ERAM mais de oito horas quando mestre Gil saiu do acanhado alvergue, que lhe haviam dado no atrio do paço, onde tambem tinham seu quartel os bésteiros, espingardeiros, e ginetes da guarda real, de que a pocilga do barbeiro apenas estava separada por um tapume de taboas, grosseiramente afeiçoadas, e mal unidas. Tanto no quartel, como no atrio, ía grande revolta e matizada; porque os soldados se acabavam de armar á pressa, para entrarem em ordenança; visto que elrei tinha mandado dizer que estivessem prestes; porque elle não tardaria em descer para acompanhar a procissão. Eram, dizemos, mais de oito horas, quando mestre Gil saiu para a rua; e, como tambem dissemos no capitulo antecedente, d'ahi a duas horas já entre o povo miudo de Setubal corria uma voz de terror ácerca da vida d'elrei; mas esta noticia era vaga e incerta. Sem saberem bem porque, os populares accusavam os fidalgos de traições horribes: que traições estas eram ninguem o sabia; mas todos esperavam com anciedade que se desvanecessem ou verificassem os boatos que encontrados corriam.

O relógio do sol collocado em um dos angulos da praça da villa apontava quasi onze horas, quando a procissão começou a sair da egreja matriz, aonde elrei tinha acabado de chegar, acompanhado de todos os nobres que se achavam na côrte: eram estes, além

dos officiaes de sua casa, o bispo d'Evora, D. Fernando de Menezes irmão deste, o duque de Vizeu cunhado d'elrei, Pedro de Albuquerque, o Conde de Penamacor, D. Gutterres Coutinho, D. Alvaro de Attaide e seu filho D. Pedro, Fernão da Silveira, e muitos outros fidalgos e cavalleiros, que elrei sempre consigo trazia nos continuos gyros em que andava pelas provincias, principalmente da Estremadura e Alentejo.

A chegada d'elrei fez logo entrar em boa ordem toda aquella multidão de gente que devia ir incorporada na procissão, e que, reunida em varios grupos, formava á porta, e ainda pelas naves da egreja, um como chaos indizivel de pendões, bandeiras, dançarinos, apóstolos, reis, foliões, imperadores, musicos, cavalleiros, prophetas, diabos, sanctos, bogios, mulheres lascivas, e rabbis veneraveis; cada qual vestido com os trajos, e fazendo os ademanes proprios do papel que representava. As tabernas da vizinhança tinham-se já áquellas horas esgotado; mas o divino licor transluzia nas faces rubicundas dos alegres foliões e jograes, que dançando, e fazendo momices e visagens, se ensaiavam com todo o esmero para bem cumprirem seus deveres no *mui devoto e angelical auto* da procissão de *corpus*.

Os ginetes da guarda começaram a affastar o tropel de espectadores com aquella cortezia propria de soldados de um principe pae do seu povo: choviam as pranchadas sobre os amplos costados dos fieis vassallos d'elrei: aqui um cavalleiro dando soffreadas ao seu cavallo o fazia recuar sobre um enxame de mulheres enfileiradas ao longo das paredes, e uma ou outra lá ficava pizada debaixo das patas do pobre animal, que suava com o peso da sua cobertura de ferro: lá um bésteiro assentava a manopla sobre os focinhos de algum basbaque, que mettendo a cabeça por entre a ala, o empurrava e fazia sair da ordenança em que o pozera seu coudel: aqui um velho atropellado gemia lançado por terra: lá chorava uma creança perdida. Para outra parte um bando de cães travados em briga, vinham aos tombos, ladrando, ganhando, e rosnando, cair entre as diminutas fileiras dos espingardeiros, que os serviam de cronhadas, arrebatando aquelle em cujo lombo caía, pesado, como descosto de rebatedor de ordenados em 1838, o couce do arcabuz. Corria então o dono do animal assassinado, e travava-se com o espingardeiro, que brevemente terminava a disputa, fazendo com a sua terrivel arma um movimento de rotação, até que ella parava nos peitos do honrado cidadão, que, lançando pela boca golfadas de sangue, ía assentar-se tranquillamente em terra. Emfim via-se a olho, que o povo estava desapressado das tyrannias dos fidalgos, e que, visto haver já corregedores pelas terras dos donatarios da corôa, a nação era livre, respeitada e feliz.

Asserenou pouco a pouco a revolta, e a procissão começou. Mas onde estava mestre Gil? Mestre Gil estava empoleirado no degráu de uma porta na rua da Annunciada, ou do troino, como hoje lhe chamam, e já lhe chamava o *mui sincero e imparcial* historiador Garcia de Resende. Esta porta pertencia a uma casa de quina, cujas janellas, com grande espanto do barbeiro, estavam fechadas, assim como a porta. Calculou elle, e calculou bem, que estando tudo fechado, ninguem o incommodaria se se empoleirasse no limiar da entrada. Alli, pois, a pé firme esperou que chegasse a procissão. Ella com effeito, depois de larga demora, desembocou ao cabo da rua. Aproximou-se; e mestre Gil viu, com magoa interior, que em pompa, invenções, e grandeza, o *corpus* de Setubal ficava muito acima do de Evora.

Na frente daquelle numeroso concurso vinha uma

judenga, ou dança de judeus, acompanhada por um, que fazia de rabbi, com a toura, ou livro da lei, na mão. Como nos governos representativos são os primeiros cargos, que apparecem vagos, para os membros da opposição, e para os que mais alto bradam contra o ministerio, assim na procissão de *corpus* tinham a dianteira os que blasphemavam de Christo. Talvez ninguem imaginasse que no ceremonial d'uma procissão do seculo 15.^o estava o ovo de um principio politico do 19.^o? — Pois, agora, o ficarão entendendo.

A judenga seguiam-se em corporação os ferreiros, com sua bandeira; e neste logar se via um homem vestido de côres, fitas, europeis, e guizos, fazendo visagens e monices, com arco e frechas na mão: era o *segitorio* ou *sugistorio* [do latim *sagittarius*, frecheiro]. Fazia este um grande terreiro, ora fingindo, com ademanes e gestos, de medroso, ora parando e voltando-se com a postura e modos ameaçadores do capitão *Horriblicribifax* da velha comedia alemã. Corria adiante, quando elle corria, e recuava quando elle dava volta, uma serpe gigante, serapintada horrivelmente, por baixo de cuja barriga se viam os pés dos homens que a levavam, e que um silvado, em que a serpente ia mettida, não podia encobrir inteiramente. Esta parte da procissão tocava aos carpinteiros, que tambem levavam uma dança de siganas.

Atraz delles iam os hortelões com um *auto* ou entremez em que se figurava uma caçada: via-se um rei, e um imperador; um urso e monteiros; um carro e homens armados de chuços e lanças, tudo ao *antigo*, conforme resava o regimento da procissão.

Arraes, espadeleiros, petintaes, galiotes [1], e mais gente de marinhagem de náus, caravellas, e fustalha miuda, salvo barqueiros, iam apoz a caçada, levando uma náu sobre rodas, muito para ver, com seu cordoame, enxarcias, bailéus e gaviás, mui bem obras, e adiante caminhava S. Pedro com suas barbas alvas, e suas chaves na mão.

Seguia-se um bando de foliões e jograes vestidos de desvairadas maneiras, fazendo momices e indecencias, com que a devoção popular crescia, como é de crer: logo atraz destes vinham os pedreiros e alvinéus mui sisudos, com castellos nas mãos, de delicado lavor, e a competente bandeira. As regateiras, peixeiras, e fruteiras os acompanhavam rodeando duas raparigas desinvoltas, dançando uma em pé sobre os hombros da outra, que tambem ia dançando, cousa admiravel, e a que o povo embasbacado dava grandissima attenção: a estas dançarinas se dava o nome de *pélla*, ou porque mostravam leveza e agilidade como uma pélla, ou, por lhe darmos uma significação mais natural e justa, derivando aquella denominação da palavra latina *pellax*. As mulheres que rodeavam as duas dançarinas corriam como bacchantes de um para outro lado, saltando, e tocando adufes e pandeiros. Isto lhes era ordenado pelo regimento do *auto*.

Chegava o turno dos barqueiros, que vinham rodeando uma horrenda e agigantada figura, que representava S. Christovam, o qual levava pendente ao collo um menino Jesus.

Uma das cousas mais maravilhosas que no *auto* havia era uma figura que representava S. João o Preursor, com seu surrão e cajado, mui bem posto, o qual davam os gapateiros. Adiante vinham doze pastores, e doze macacos com rabos muito compridos, tanto ao natural, que enganavam os olhos.

Seguia-se a dança dos auciões: era um bando de velhos e velhas, com rosarios de bugalhos nas mãos,

(1) Os espadeleiros eram uma especie de pilotos que guiavam certas embarcações pequenas com uma espadella, ou grande remo em vez de leme: os petintaes eram, segundo parece, carpinteiros de náus: os galiotes eram aquelles que estavam arrolados para servirem como marinheiros nas galés reaes.

e que faziam tregeitos, dançando com mais desinvoltura do que prometia, ao primeiro aspecto, a muita idade que representavam.

Apoz estes vinha o *draguo*: era um dragão espantoso, com duas azas de desmesurada grandeza, e ventas e boca pintadas de vermelho, imitando sangue: a dama do *draguo* dançava diante d'elle com um folião, fazendo tregeitos e requebros á féra, que conservava toda a sua seriedade, como cousa morta que era.

Aqui, por um grande espaço, se estendia a procissão com corpos de danças, umas formadas de mouros escravos, outras em que os bailadores pelejavam armados de espadas, outras finalmente em que as figuras representavam satyros e nimphas em competencias amorosas, summamente edificativas e moraes, como é facil de imaginar; tudo para maior honra de Deus e exalçamento da fé. — Era depois disto que se via o bemaventurado S. Jorge, sancto imaginario, que os inglezes trouxeram para o nosso calendario em tempo d'elrei D. Fernando, e que invocado d'ahi ávante nas batalhas, tirou muitas vezes a S. Thiago a honra de servir o seu nome para grito de arremetter [2]. Vinha o padroeiro do reino, cuberto d'uma armadura completa, azul e dourada, sobre um possante ginete acubertado, com seus escudeiros, pagens, e cavallos á destra, tão loução e bem posto, que se de páu não fôra, e além disso sancto, mais de uma donzella se enamorára d'elle. Era esta uma das representações da procissão de *corpus*, que mais dava no gozo ao respeitavel publico, ou publico illustrado [que de ambos os modos se costuma designar em cartazes e annuncios] do que muito se ufanavam os érieiros, conteiros e douradores, a cujo cargo estavam os adornos e acompanhamento do bemaventurado sancto.

Devemos, antes de passar adiante, notar neste ponto, a que podemos chamar centro, alma, apice, ou força da procissão, que por brevidade omittimos as bandeiras, danças, folias, reis e imperadores, que cada officio, ou dois, tres, e quatro unidos, levavam, sementeos aqui e acolá; porque fôra tão miuda descripção um não acabar. Basta dizer, que só de reis havia ahí bastantes para abastecer todos os thronos da Europa, e de arrazoada porção da Asia.

De S. Jorge saltava a procissão [que ainda naquelle tempo se não tinham inventado as tres unidades] ao sacrificio de Isaac. — Um aleitado Abrahão, de roupas talaes, barba revolta, e cutelo na mão, caminhava com passo grave, levando adiante o filho, que, para confessarmos a verdade inteira, abaixando-se de vez em quando, para atirar sua pedrada aos rapazes conhecidos, e com a cara enlabuzada de assucar e confeitos, estragava o seu papel, como ainda hoje fazem por esse mundo [já se sabe que não fallámos de Portugal] muitos actores que, sem piedade esfolam a linguagem, o tom, e a gesticulação de qualquer drama, nas barbas de seu auctor, que em cada representação tem tres ou quatro horas de aposentadoria nas penas do inferno, em quanto o respeitavel publico [aquelle de que acima fallámos] se extasia, e palmêa os histriões, em vez de lhes cuspir nas faces.

Apoz Abrahão vinha Judith, com sua aia, trazem-

(2) S. Jacob ou S. Thiago ou S. Iago, segundo as antigas lendas, foi o apostolo que veio pregar o Evangelho nas Hespanhas, e d'ahi tirou seu direito de padroado, como era de justiça. — Nas guerras com os mouros, os christãos davam signal de accommetter bradando *Sanctiago*. Quando os inglezes vieram a Portugal, em ajuda de D. Fernando, era S. Jorge o seu grito de guerra. Delles o tomaram os portuguezes, talvez para se distinguirem de seus inimigos castelhanos, que tambem bradavam por S. Iago. — Continuaram todavia os nossos a servir-se do grito *Sanctiago*, nas guerras da Africa e da India; mas S. Jorge ficou padroeiro do reino, com grave detrimento do apostolo, que tinha jus mais antigo e fundado. Quando entre os sanctos ha semelhantes usurpações, quem se deve admirar de que as haja entre peccadores de carne e osso?

do um alfange, e um saco ensanguentado, dentro do qual era de crer estivesse a cabeça do impio e desalmado Holophernes. Logo em seguida via-se o rei David, dançando com os seus pagens, e atraz de tudo isto foliões, e outra *pella*, acompanhada de regateiras, e de homens com as cabeças cubertas de uns barretes ponteagudos de volante, com as caras tapadas ao modo dos modernos *olandilhas* das procissões de quaresma [que os bons costumes ainda os não perdemos de todo]: estes biocos, tocava aos tendeiros e merceeiros o da-los para aquella solemnidade.

Que classe seria a que viesse na procissão logo em cola dos tendeiros? É visível a todas as luzes, que deviam ser os taberneiros. Eram, pois os taberneiros que ahí vinham. Um Baccho gordo e vermelho, assentado em uma pipa, e acompanhado de cantores, e foliões, ahí attrahia a attenção dos devotos, e fazia um dos mais bellos ornamentos da procissão, onde faltava a deusa Venus, que tão distincto lugar tinha nos *Corpus* de outras terras do reino, mas que em Setubal faltava. Não passou isso por alto a mestre Gil, que por um sentimento patriótico, se regosijou de tal quebra do ceremonial, que, nessa parte se executava á risca em Evora, por postura da camara.

A folia dos taberneiros servia como de transição entre as personagens da lei velha e da lei nova. Os doze apóstolos e Jesu-Christo, rodeado de anjos, caminhavam com passo firme, e aspecto severo no meio daquella turbamulta, que, longe de ver nisto, como nós, uma indecencia abominavel, acreditava que de semelhantes profanidades só resultava honra e gloria a Deus [3].

Ao apostolado seguia-se *S. Maria da Asninha*, isto é, uma representação da fuga para o Egypto. A Senhora ía a cavallo, e *S. José* a pé, com grande acompanhamento de anjos, e adiante o menino Jesus em um andor.

Começava então um *Flós Sanctorum* extensissimo: aqui ía *Sancta Catharina* com a sua roda de navalhas; lá *S. Sebastião*; o sancto ía nú [4] e com seus frecheiros adiante: agora *S. Joaquim* e *Sancta Anna*; logo *Sancta Clara*, acompanhada de varias freiras, e muitos mouros de roda, que tinham liberdade para lhes dizerem quantas palavras indecentes lhe lembrassem: emfim este acto do drama acabava por *S. Miguel*, ameaçando dois grandes diabos, que pareciam quererem lutar com o archanjo.

No que poderíamos chamar entre-acto, isto é, no espaço que havia entre o espectáculo que temos descrito e o clero secular, communidades, e mais pessoas, que íam na cauda da procissão, caminhavam as padeiras, conduzindo uma descommunal fogaça, a qual no fim da cerimonia se devia distribuir aos prezos.

Era depois de passarem os clérigos, communidades, e pessoas de mais auctoridade, que vinha a *guayolla*. Davam este nome a uma especie de maquina em que ía a Hostia, e que assentava sobre um andor ou charola, que alguns clérigos levavam aos hombros, e atraz da qual, a pouca distancia, ía elrei e os fidalgos de sua côrte, levando todos bastões nas mãos.

Mestre Gil, immovel no seu poial, tinha visto com toda a attenção as differentes danças, folias, e personagens daquelle famoso auto; mas, por uma parte, o dialogo que tivera pela manhaã com Antão de

Faria, e por outra, o ciume que lhe causava a superioridade do que via ao que estava costumado a ver em Evora, lhe cortavam com pensamentos tristes as imagens risonhas, de que seus olhos ávidos lhe tinham alegrado o espirito. Todavia, podia mais com elle o seu genio fallador, do que quaesquer outras considerações, e por isso, em quanto durava a procissão, ía explicando a uns poucos de basbaques e mulheres que estavam ao pé delle os varios sentidos mysticos de todas aquellas representações, o que fazia com uma profundidade de sciencia, que deixava espantados os seus ignorantes visinhos. Talvez tambem disso se espantem os nossos leitores; mas não teem de que: naquella epocha succedia á theologia o que hoje succede á politica: era sciencia universal. Cada seculo tem lá o seu genero de civilisação: são mysterios esses da humanidade, que não nos cumpre aqui indagar.

A *guayolla* tinha apenas acabado de passar, quando mestre Gil sentiu estourar uma porta, segundo parecia, no fundo das casas a que estava encostado: immediatamente ouviu um tinir de espadas que se desembainhavam — apoz isto um gemido longo e fraco, como de pessoa que morre, e um som, como de espingarda que cáe das mãos a alguém: depois disto tudo ficou outra vez, dentro da casa, no mais profundo silencio.

Mestre Gil sentiu então ao longo do espinhaço uma especie de calafrio, que as chronicas daquelle tempo attribuem a um grande medo, mas que, sem que se vá de encontro á medicina, se póde attribuir a constipação. Deu um pulo da soleira abaixo; e quando ía a perguntar aos circumstantes, se tinham ouvido o mesmo que elle ouvira, bateu com os olhos em elrei, que com ar mui sereno e meneios muito devotos caminhava, levando á direita o duque de Vizeu, e á esquerda o conde de Penamacor. Todos se apinhavam para ver de mais perto elrei, e o barbeiro não achou a quem fazer a sua pergunta. Ainda agitado interiormente, desejava verificar se o tinham ou não enganado os seus ouvidos; mas não achando para isso maneira, resolveu-se a esperar com paciencia que se acabasse a pasmaceira popular.

Ainda bem não acertára em tomar tal resolução, quando viu todos os fidalgos do sequito delrei deixarem cair no chão os bastões, que levavam nas mãos, como se a vara da maga Eutropa lhes tivesse entorpecido os braços. *D. João 2.º*, lançando em roda um destes olhares de rei que significam morte, deixou tambem cair o seu. Os fidalgos impallideceram; mas já não havia recuar: a um tempo abaixaram-se para apanhar os bastões: elrei tambem se abaixou: ergueram-se; ergueu-se elle. E com modo tão risonho e tranquillo seguiu ávante, que ninguem do povo reparou naquelle successo, e até os fidalgos, tornando a si do primeiro espanto, julgaram que a um acaso devia elle a sua salvação, e que o assassino que lhe devia atirar não ousára faze-lo, temendo matar algum delles, em vez de matar elrei.

Porém a mestre Gil não passou pela malha aquelle successo: agora entendia completamente o que lhe dissera Antão de Faria; agora achava a explicação do ruido que ouvira: o assassino havia sido colhido de salto, e tinha pago com a vida a sua ousadia: admirava a tranquillidade de animo, e a profunda dissimulação delrei, que apesar das providencias dadas, podia ter sido victima dos seus calculos politicos. Incerto sobre se devia ou não communicar a alguém as suas reflexões, resolveu-se a guarda-las consigo, lembrando-se das recommendações do camareiro, e não sabendo se essas reflexões pertenciam ao que o válido não queria que se dissesse, ou áquillo que elle queria se divulgasse.

(3) Em toda esta descripção nada inventámos: extraímos tudo dos regimentos antigos da procissão do Corpo de Deus, e alguma cousa que nelles não venha, é tirado do que ainda ha dez annos se via em semelhantes procissões por varias partes do reino: o que fizemos foi mudar ás vezes a ordem do espectáculo, para fazer sobressair melhor os contrastes.

(4) O regimento de Coimbra de 1517 ordena que seja um homem bem alvo e disposto.

Embebido em um mar de incertezas, voltou ao paço e metteu-se no seu aposento: d'ahi a pouco chegou elrei, que parecia summamente alegre. A' noite houve saráu; e os fidalgos foram convidados. Mestre Gil esteve espreitando a uma porta interior, e ficou espantado de ver as caricias que elrei fazia ao duque de Viseu, a D. Gutterres, ao bispo de Évora, a D. Fernando de Menezes, e a todos os mais nobres que tinham deixado cair seus bastões na procição de *Corpus*.

Acabado o saráu, cada qual se recolheu á sua pousada. No outro dia pela manha cedo elrei partiu para Alcácer.

(Continuar-se-ha.)

TALHA DE FUSTE.

A RARIDADE do papel e pergaminho na idade media era tal, que muitas vezes não era possível ás pessoas vulgares o fazer em qualquer daquellas materias as clarezas necessarias em muitos casos. Para obviar a esta difficuldade inventou-se um meio curioso, que se póde considerar como origem do systema actualmenté seguido nas repartições de fazenda, de dar titulos de divida cortados d'um livro, ou de outro documento com que devem conferir quando com elle sejam confrontados. Consistia, pois, aquelle meio nisso a que os portuguezes chamavam *talha de fuste*, os francezes *taille* e os inglezes *taley*. Era uma taboinha cortada diagonalmente, e em que tinham gravado algumas letras ou signaes, que bastavam para declarar, por exemplo, uma divida, ficando metade na mão do credor e a outra na do devedor; quando paga a divida, o credor lhe entregava a sua metade.

DEUS DESCENDO A' TERRA NA SUA IRA.

É ESTA uma das mais bellas prosopopeas do nosso Vieira, imitadas da Biblia; nella se vê de quanto era capaz aquelle maravilhoso ingenho, e quanto é rica, valente e formosa a nossa tão empobrecida, maltractada, e esquecida lingua.

“Inclinará Deus os céus, e avisinhar-se-ha mais á terra para castigar seus habitadores: debaixo dos pés trará um remoinho de nuvens negras, escuras, e caliginosas: das ventas lhe sairão fumos espessos d'ira, de indignação, de furor: da boca, como de fornalha ardente, exhalará um volcão de fogo tragador, que tudo accenda em brazas, e converta em carvões: atroará os ouvidos attonitos com os brados medonhos de sua voz, que são os trovões: cegará a vista com o fuzilar dos relampagos, alternadamente accesos, abrindo-se e tornando-se a cerrar o ceu temerosamente fendido: disparará finalmente as suas settas, que são os raios e coriscos: abalar-se-hão os montes; re-tumbarão os valles; affundar-se-hão até os abysmos os mares; descobrir-se-ha o centro da terra, e apparecerão revoltos os fundamentos dos mundos. E no meio desta confusão, assombro, terror, e desmaio, quaes estarão os corações dos homens, que será delles! — *Sermões de Vieira. Tom. 5.º*

DIVAN.

OS LEITORES de gazetas, e bem assim os de livros que tractam de cousas do oriente encontram muitas vezes a palavra Divan em significações tão diversas que não lhes será desagradavel achar aqui a origem e valor deste vocabulo nas suas varias accepções.

A palavra *Divan* é persa, e significa: 1.º um senado ou conselho de estado: 2.º uma collecção de poemas todos do mesmo auctor: Todavia a mais antiga accepção em que achamos o tomavam é a d'um livro de mostra, ou registo de pagadoria militar. O historiador arabe, Fakhreddin Râzi, refere que estendendo-se as conquistas dos mussulmanos no caliphado [reinado] de Omar, segundo successor de Mafoma, se tornára mui difficultosa a repartição das presas. Um marzban ou sátrapa persa, que por acaso se achou no quartel general do calipha em Medina, lembrou a adopção do systema, seguido no seu paiz, de um livro de contas, em que se lançassem regularmente todas as receitas e despezas, e junctamente uma lista dos nomes de todas aquellas pessoas que tinham jus a receber uma parte dos despojos. Os arabes adoptando este registo, adoptaram tambem o vocabulo persa [divan] que o indicava. Se porventura o conselho de estado foi posteriormente chamado divan, por ter sido na sua origem uma especie de tribunal encarregado de regular a lista [divan] dos pensionistas e estipendiarios do estado, ou se foi porque os nomes dos membros desse conselho estavam todos lançados n'um registo, é o que hoje não se póde averiguar. A opinião de que a corporação dos conselheiros d'estado ficou alcunhada de *divan* por causa do dicto de certo rei antigo da Persia, que ouvindo-os disse: *inân divân end* [estes homens são manhosos como o diabo] é opinião ridicula, e que mui poucos auctores seguem. A palavra divan tambem serve para se designar a salla onde se reune o conselho, e generalizando-a, os turcos a tomam na significação de qualquer salla em que se recebem visitas. Daqui nasceu, provavelmente, o chamarem diversas nações da Europa a um canapé estofado, ou sophá um *Divan*.

Quanto á denominação de divan que se dá em persio, arabe, turco, indostanico &c., ás collecções de poesias de qualquer auctor, nasce isto do modo por que são collocadas, pondo-se os poemas em seguida uns dos outros segundo a ordem alphabetica das ultimas letras das syllabas rimadas, que em qualquer delles são sempre as mesmas desde o principio até o fim.

DICTO DE VOLTAIRE.

VOLTAIRE accusado falsamente de ter escripto uma satyra contra Luiz 14.º foi mettido na prisão da Bastilha. Em quanto esteve preso acabou a tragedia d'Edipo e começou a *Henriada*. Conhecida a sua innocencia foi solto, e o regente do reino na minoridade de Luiz 15.º quiz que lh'o apresentassem, e concedeu-lhe uma pensão: Voltaire, sem a menor turbacção, agradeceu o beneficio da seguinte maneira: Senhor, agradeço a Vossa Alteza o querer encarregar-se de me dar comedorias; mas quanto a aposentadorias, far-me-ha especial mercê em nunca se incumbir disso.

QUADROS HISTORICOS DE PORTUGAL. — 2.º

Egas Moniz apresentando-se ao rei de Leão.

NESTE segundo quaderno de uma obra que é, sem a menor duvida, a mais excellente que em seu genero se tem publicado em Portugal, nos apresenta o Sr. Castilho, não simplesmente o facto que deu titulo ao quadro, e materia á estampa; mas uma pintura de Portugal no seu berço, visto á luz da mais alta philosophia. É assim que aproveita a historia aos que a estudam; que só apurar datas, recontar batalhas,

delinear paços e mosteiros, arido, e as mais das vezes inutil, estudo é. De poesia e de estylo admiravel vestida vae, além disso, toda esta escriptura; que até por preceitos de politica, por severidades de moral, por abysmos de phylosophia, sabe derramar o poeta luz de ingenho, e sorrir de imaginação. Muito vence este segundo quadro em extensão o primeiro; e não o vence pouco em todas as circumstancias que deixamos apontadas. Oxalá que este trabalho vá avante, para que tenhamos um monumento escripto de gloria nacional, com o qual, patente nas mãos, possamos dizer aos estrangeiros: *Vede!*

A estampa pertencente a este quadro representa o momento em que Egas Moniz chega ante o rei de Leão e Castella, o primeiro impeto do monarcha, e a resignação heroica do velho cavalleiro. Esta obra de um artista tão acreditado como o Sr. Sendim, tem merecido geralmente louvores, por bem desempenhada; e nós ajunctamos o nosso fraco voto ao voto commum. Alguem notou neste quadro má disposição de luz, mas se nos é licito dar parecer em materia alheia á nossa profissão, não haveria grande difficuldade em provar, que este defeito não existe. O que porém notámos, foi que a um dos dois conselheiros do rei, que estão no primeiro plano, devia avultar mais um pouco o hombro esquerdo, que, segundo cremos, o manto, e os cabellos esparzidos não podiam esconder tanto: notámos tambem, no outro conselheiro, que o braço esquerdo, apesar de ser um escorço, é demasiadamente curto. Fazemos estas observações, porque entendemos que o Sr. Sendim as receberá, como nascidas do desejo de que os *Quadros Historicos de Portugal* cheguem ao maior gráu de perfeição possível.

ETYMOLOGIA DE DEZEMBRO.

CHAMA-SE assim este mez, como dissemos no artigo sobre chronologia, no precedente N.º deste jornal, pag. 377, porque era o décimo depois de março, primeiro mez do anno de Romulo. Como se tinha dado ao 5.º mez o nome de Julio Cesar (*Julius*) e ao 6.º o de Augusto (*Augustus*) o imperador Commodo quiz dar o de *Amazona* ao mez de Dezembro; mas o antigo nome veio a prevalecer.

Era em Dezembro que os romanos celebravam as festas de Saturno, chamadas *saturnaes*. Emquanto duravam estas festas, os tribunaes estavam fechados, eram ferias para as escholas, não se começava guerra nenhuma, não se executavam criminosos, nem se exercitava officio algum, salvo o de cosinheiro. Seguiam-se as sigillarias que se pareciam com as nossas boas festas, que se dão do Natal até os Reis.

O mez de Dezembro representa-se na figura d'um velho muito enroupado, encolhido com o frio, e com as mãos estendidas para um fogareiro acceso. Tem uma cabra ao pé, que indica entrar o sol, durante este mez, no signo de Capricornio.

SEMANARIO HISTORICO.

Annos
de
J. C.

Dezembro 2.

1552 — Morte de S. Francisco Xavier, jesuita, um dos mais ardentes missionarios do oriente.

1805 — Batalha d'Austerlitz.

3

1175 — Fallece D. João Peculiar, um dos homens mais celebres de Portugal por suas letras e virtudes. Foi bispo do Porto e arcebispo de Braga.

4

1563 — Fecha-se o concilio de Trento, o ultimo concilio geral que houve na igreja catholica.

1622 — Nuno Alvares Botelho derrota juncto a Malaca a armada do Achem que sitiava a cidade. Tinham os inimigos 250 navios de varios portes, e os nossos não mais de 30 vellas. — A derrota foi completa; entre os muitos vasos inimigos, que caíram em poder dos portuguezes, foi a galé capitania que era a maior que até então se víra na India; porque, além da sua monstruosa grandeza, jogava com peças de artilharia grossa.

5

1569 — Mem Lopes Carrasco, capitão de uma nau portugueza, dando de subito no meio d'uma armada do Achem defende-se por tres dias, com quarenta homens, dequella multidão de inimigos, até que socorrido de um galeão portuguez, pôde salvar-se, deixando arrombadas quarenta embarcações inimigas.

6

1185 — Morte d'elrei D. Affonso Henriques.

1383 — Morte do conde Andeiro, e começo da revolução a favor de D. João 1.º Veja-se a pag. 63 do 1.º volume.

7

1547 — Os portuguezes tendo alcançado uma grande victoria naval contra o rei de Pedir, ficando este morto, acham-se com um riquissimo despojo, no qual se contavam 300 peças de artilharia, e 45 embarcações. O rei de Parlez, em cujo porto se dera a batalha, declara-se tributario dos portuguezes.

8

1720 — Abre-se a Academia d'Historia Portugueza, instituida em Lisboa.

Os S.^{res} Subscriptores, cujas assignaturas findam com o presente anno, no caso de as renovarem, são convidados a faze-lo pela maneira seguinte. —

Assignatura annual, por 52 N.^{os} 1:200 r.
D.^a de semestre, ... por 26 d.^{os} 640 r.

Estes preços regulam para os S.^{res} Assignantes de Lisboa, e Porto; e para as provincias do reino que recebem pelo correio, porte á sua custa.

Previne-se que d'ora em diante se não tomarão assignaturas com capa para Lisboa e reino.

No Escriptorio da Sociedade se acharão á venda as collecções do Jornal, completas até ao fim deste anno.

ERRATA. — Em o N.º antecedente a pag. 371 col. 2.^a — onde se lê — janeiro, em honra de Juno — lea-se — de Jano.

Escriptorio da Direcção da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis, Rua Nova do Carmo N.º 39 = D.

LISBOA — NA TYPOGRAPHIA DA SOCIEDADE.